**Sobre a Relevância de *O Capital* de Marx para Hoje**

*On the Relevance of Marx’s Capital for Today*

Andrew Kliman

Esta é a versão em português do artigo *Sobre la relevancia de El capital de Marx para la actualidad*, publicado em espanhol em *Ideas de Izquierda: Revista de Política y Cultura*, número 18, abril 2015. A versão em inglês foi publicada no site [http://www.marxisthumanistinitiative.org/] em 17 de abril de 2015. Direitos de reprodução:  licenciado sob uma licença *Creative Commons*.

**Tradução do inglês**: Marcelo José de Souza e Silva\*

**Como Não Avaliar *O Capital***

O capitalismo mudou notavelmente durante o século e meio desde que Marx escreveu *O Capital*. É hoje um sistema que engloba quase todo o globo e o papel das finanças aumentou incrivelmente durante as últimas décadas. O mundo, e tanto do que nos importa como portadores das “identidades múltiplas e fragmentadas”, parece possuir pouca similaridade com a enxuta situação sobre a qual o volume 1 do livro de Marx lida – a expansão do capital por meio da extração do mais-valor dos trabalhadores no processo de produção direto.

É por causa disso, é claro, que *O Capital* é frequentemente é rejeitado como redutivo ou não mais relevante – ou necessitando de complementos e soluções alternativas. As carreiras de um considerável número de intelectuais acadêmicos e públicos estão construídas sobre tais projetos. Mas aqui tem menos do que parece à primeira vista.

Em primeiro lugar, o livro é intitulado *O Capital* por uma razão. Não é intitulado *Tudo que Você Precisa Saber sobre O Que Ocorre dentro do Capitalismo*, ou ainda *Tudo que Você Precisa Saber sobre Capitalismo*. O livro foca especificamente o capital – o processo em e através do qual o valor “auto expande” ou se torna um montante maior de valor. Trata sobre como essa auto expansão é produzida, como é reproduzida (renovada e repetida) e como o processo como um todo é refletido, imperfeitamente, no pensamento e conceitos convencionais dos economistas e pessoas de negócio. Existe uma diferença crucial entre ter um foco específico e ser redutivo. Eu não acho que Marx escreveu ou sugeriu em qualquer lugar que o processo de auto expansão do valor é a única coisa que importa ou que outros processos podem ser reduzidos a ele. Ele realmente afeta um monte de outras coisas, algumas vezes de forma crucial – e essa é talvez a principal razão que o livro sobre *O Capital* é confundido como um livro *Tudo* – mas reconhecer as inter-relações não é reduzir essas outras coisas a auto expansão do valor.

É claro, existe algum sentido no qual qualquer livro com um foco específico “deixa de fora” ou “negligencia” outras coisas, mas nós normalmente não reclamamos que um livro de receitas deixa de fora ou negligencia instruções para trocar o óleo em seu caro ou qualquer análise da política internacional. A acusação de que *O Capital* “falha” em discutir muitos aspectos do capitalismo e o que ocorre dentro dele me parece ser similarmente inapropriado e injusto.

Em segundo lugar, o fato de que o mundo agora parece muito diferente do que confrontamos em *O Capital* simplesmente não implica que o livro se tornou irrelevante, ou até mesmo menos relevante, do que quando ele foi escrito. O mundo também parecia muito diferente lá atrás quando Marx o escreveu, e ele tinha plena consciência das diferenças. Por exemplo, ele observou no volume 2 que “é natural que ao horizonte burguês, limitado à realização de negócios, escape inteiramente o fato de que é o caráter do modo de produção que constitui o fundamento do modo de intercâmbio a ele correspondente, e não o contrário”. Ele, no entanto, insistiu que a relação de mercado entre o comprador e o vendedor de força de trabalho (o capitalista e o trabalhador) “se baseia, segundo seu fundamento, no caráter social da produção, e não no modo de intercâmbio; este resulta, ao contrário, daquele”[[1]](#footnote-1).

A questão é, portanto, não se o capitalismo mudou desde a época de Marx, ou até mesmo se as mudanças são grandes e importantes. A questão é: qual a significância do fato de que as coisas parecem bastante diferentes de como *O Capital* as apresentam? Esse *fato* conta como um *criticismo* legítimo do livro, uma indicação de inadequação teórica?

Marx antecipou este tipo de objeção, e ele respondeu a isso da seguinte forma: “o economista vulgar crê fazer uma grande descoberta quando, no que respeita à revelação da conexão interna, proclama que as coisas na aparência parecem diferentes. De facto, está a proclamar que se agarra à aparência e que a toma como a última palavra. Para quê então, em suma, uma ciência?”[[2]](#footnote-2) Ele não estava tentando fornecer um comentário sobre a sociedade capitalista que “se aferra às aparências” ao descrever suas partes componentes e relações na forma que essas “coisas aparecem” na superfície da sociedade. Ele estava, na verdade, engajado na “ciência” – “revelação das interconexões internas” entre as partes es suas relações aparentes.

À luz desse objetivo, parece totalmente inapropriado para mim avaliar o livro em termos de quão próximo ele se conforma a como as coisas parecem – por exemplo, em termos de se os negócios e mercados financeiros que dominam as notícias econômicas e as mentes da burguesia também dominam o livro. É preciso ser avaliado, na verdade, em termos de como ele revela com sucesso as conexões internas.

Assim, as bases sobre as quais *O Capital* é tipicamente rejeitado como não mais relevante, ou de relevância diminuída, parece para mim não resistir ao esse escrutínio. Mas, esse argumento negativo não significa por si mesmo que o livro permanece relevante; argumentos positivos também precisam ser fornecidos. Um pequeno texto como esse claramente não pode fazer justiça a essa questão. Eu irei, portanto, me limitar a breves comentários sobre apenas alguns dos muitos aspectos do livro que me parecem ser de relevância especial hoje.

**Crítica das outras Tendências de Esquerda**

*O Capital* desafia algumas ideologias que são bastante similares com aquelas de nossos dias. Por um lado, combate a perspectiva da economia política burguesa de acordo com a qual “houve uma história, mas agora não há mais”, como Marx sarcasticamente disse[[3]](#footnote-3). Em décadas recentes, essa perspectiva foi trazida de volta à vida na forma do mantra de Margaret Thatcher, “não existe alternativa”. *O Capital*, assim, se dirige diretamente a uma preocupação principal dos movimentos populares da última década e meia, que declarou que “outro mundo é possível”, ao ajudar a clarear o que deve ser mudado a fim de transcender o capitalismo.

Mas, o livro também combate a economia política de Pierre-Joseph Proudhon e outros esquerdistas que alegavam que os males do capitalismo podem ser amenizados ao reformar as relações monetárias, de troca e financeiras, enquanto deixando o modo de *produção* capitalista intacto. Essa dimensão de *O Capital* se tornou novamente relevante em anos recentes, especialmente à luz dos esforços de prevenir a próxima crise econômica ao reformar o sistema financeiro.

Quando é tomado como sendo apenas uma crítica da economia política *burguesa*, não uma crítica da economia política proudhonista também, um pouco de *O Capital* se torna inescrutável ou até mesmo inútil. Considere a seção 3 do primeiro capítulo, sobre a “forma de valor”. Essa seção contém uma derivação dialética intricada do dinheiro a partir da forma mercadoria, mas qual é a questão? Marx é enfático que essa derivação é crucial – “realizar o que jamais foi tentado ... provar a gênese ... seguir de perto”[[4]](#footnote-4) – mas porquê? A resposta, eu acredito, é que ele está mostrando que a troca monetária é somente uma consequência, e uma consequência inevitável, da produção de mercadorias. Enquanto a produção de mercadoria permanecer, também deve o dinheiro e os males sociais associados a ele. “É preciso compreender isso claramente para não se colocar tarefas impossíveis e para conhecer os limites no interior dos quais as reformas monetárias e as transformações da circulação [troca de mercadorias] podem fornecer uma nova configuração”[[5]](#footnote-5). Marx compara o desejo proudhonista de abolir o dinheiro enquanto “eterniza a produção de mercadorias” a um desejo de “abolir o papa preservando-se o catolicismo”[[6]](#footnote-6). Nenhuma das coisas é possível.

O fato de que *O Capital* é (entre outras coisas) uma crítica de soluções propostas por outras tendências de esquerda aos problemas do capitalismo é frequentemente suprimida. Aqueles que emitem os contínuos gritos para unir em torno de ações comuns, programas ou ideias com o mais baixo denominador comum, frequentemente consideram as especificidades das ideias de Marx como distração de ou interferindo com seus objetivos. Até mesmo quando eles parecem considera-lo favoravelmente, Marx é tornado um ícone que disse muito pouco que é distintivo e nada que é “ameaçador”. Outros querem fixar nome dela a perspectivas e projetos que têm mais em comum com tendência que ele lutou do que com suas próprias ideias. O próprio Marx, entretanto, continuamente lutou pelas suas ideias específicas dentro do movimento, especialmente uma vez que *O Capital* foi publicado e disponível para todos estudar.



Em 1875, os partidos políticos lassalleanos e “marxistas” (*Eisenach*) na Alemanha se uniram com base no Programa de Gotha. A crítica de Marx desse Programa reclama repetidamente que as posições e demandas dele falham em corresponder às conclusões teóricas trabalhadas em *O Capital*. Isso não foi um exercício acadêmico. Ele opôs a unificação dos partidos precisamente porque ele achou as ideias do Programa erradas e inadequadas. Em particular, seu apelo por uma “distribuição justa” da renda foi contundentemente similar à perspectiva proudhonista que Marx batalhou por muitas décadas, na qual buscava corrigir a inequidade de renda enquanto deixava as relações de produção contemporâneas intactas, que Marx considerava impossível. Ele não deixaria o desejo por unificação interferir com a necessidade de entender o mundo corretamente a fim de muda-lo efetivamente.

**Personificações do Capital**

No prefácio da primeira edição do volume 1 de *O Capital*, Marx observou que embora “de modo algum retrato com cores róseas as figuras do capitalista e do proprietário fundiário”, assim como ele também não demoniza-os e os culpa pelos defeitos do sistema capitalista: “Mas aqui só se trata de pessoas na medida em que elas constituem a personificação de categorias econômicas, as portadoras de determinadas relações e interesses de classes. Meu ponto de vista ... pode menos do que qualquer outro responsabilizar o indivíduo por relações das quais ele continua a ser socialmente uma criatura”[[7]](#footnote-7). Depois, ele se referiu a um “mecanismo social, no qual ele [o capitalista] não é mais que uma engrenagem. ... [C]oncorrência impõe a cada capitalista individual, como leis coercitivas externas, as leis imanentes do modo de produção capitalista”[[8]](#footnote-8). Eles se comportam da forma como eles se comportam porque isso é como eles *tem que* se comportar a fim de permanecer capitalistas, ao invés de ex-capitalistas falidos.

Acho que esse ponto de vista é especialmente pertinente hoje, quando eventos como a crise econômica global recente e outros defeitos do capitalismo são regularmente atribuídos à ganância dos capitalistas e à necessidade “neoliberal” de desmantelar todos os obstáculos ficam no caminho de permitir o rico de se tornar sempre-mais-rico. O subtexto é claramente que os defeitos do atual sistema podem ser fixados ao substituindo as atuais personificações do capital por um regime anti-neoliberal que possui um conjunto diferente de prioridades.

O que fica omitido ou ignorado aqui são os argumentos de Marx de que as pessoas que por acaso estão tocando o sistema em qualquer momento particular são estão realmente em controle da situação. O que está realmente em controle são as “leis da produção capitalista”. Personificações individuais do capital – e isso inclui personificações atípicas tais como capitais de estado individuais e empresas autogeridas – devem se submeter a essas leis ou abandonar o “controle” deles. A lei mais importante é a “lei do valor”, a determinação do valor pelo tempo de trabalho. Ela compele um negócio, não importa quem é o dono ou o “controla”, a minimizar custos a fim de permanecer competitivo e, portanto, demitir trabalhadores ineficientes ou desnecessários, acelerar a produção, possuir condições de trabalho inseguras, produzir para o lucro ao invés de produzir para a necessidade, e assim por diante. Se você está em um sistema capitalista, você não pode simplesmente emitir uma diretriz para produzir para a necessidade, ou uma diretriz para refrear a demissão de trabalhadores. Cortar custos é a chave para a sobrevivência. Colocar pessoas diferentes com prioridades diferentes em “controle” não desfaz essa lei ou outras leis da produção capitalista. Mas, os defeitos do sistema persistirão até que essas leis sejam desfeitas.

**A Transformação de Valores em Preços de Produção**

No terceiro volume de *O Capital*, Marx, finalmente, lida com o “mundo real” – as formas nas quais as categorias e relações ele analisou “aparecem na superfície da sociedade, na interação dos diversos capitais, na concorrência e ainda na consciência normal dos próprios agentes da produção”[[9]](#footnote-9). Por exemplo, ao invés de só falar de “o capitalista” e do “mais-valor” que ele extrai do “o trabalhador”, Marx lida com capitalistas industriais, comerciantes, financistas e proprietário fundiário como grupos distintos com interesses distintos e tipos de renda distintos: lucro industrial, lucro comercial, juros e renda. Mesmo se o capitalismo ainda não é descrito em toda a sua complexidade concreta, estamos muito longe do volume 1 e seu foco sobre o processo de produção direto.

Mesmo assim, Marx mostra que esse ponto de vista mais “realístico”, menos “redutivo” não muda as conclusões que ele chegou nos primeiros dois volumes. Como Raya Dunayevskaya astutamente observou,

qual é o grande resultado de aprender todos os fatos da vida? Como eles mudaram as leis que surgem do processo estrito de produção que os economistas acadêmicos chamam “abstrato”? De forma alguma. *De forma alguma*. Ao final ... de tudo isso, Marx nos leva de volta àquilo sobre o qual é fundamentado: produção de valor e mais-valor. Ele nos mostra que na análise final a soma de todos os preços é igual à soma de todos os valores. Onde o trabalhador criou nada, o capitalista manipulador pode obter nada. Lucro, mesmo como mais-valor, se origina não da “propriedade” mas da produção. ...

Nada fundamental mudou; absolutamente nada.[[10]](#footnote-10)

Capítulo 9 do volume 3 é onde Marx discute a transformação dos valores em preços de produção e a transformação do mais-valor em “lucro médio”. Por causa do mito de longa data de que a consideração dele foi provada logicamente inconsistente, assim como o caráter matemático, técnico das alegadas provas de inconsistência e da desconcertante série das chamadas “soluções” para “o problema da transformação” – i.e., esforços em “corrigir” a alegada inconsistência – o tópico é frequentemente ridicularizado e ignorado como obscuro e sem importância. No entanto, esse capítulo é crucialmente significante, porque é aqui, acima de tudo, onde Marx reconfirma algumas das mais importantes conclusões que ele chegou antes em *O Capital*.

Empresas individuais podem e realmente vendem seus produtos por mais do que seus valores reais, e eles podem consequentemente arrecadar mais lucro do que o mais-valor que eles criaram. Entretanto, em seu relato da transformação no capítulo 9, Marx mostra que na economia *como um todo*, o preço total de todos os produtos é justamente igual ao total de mais-valor extraído dos trabalhadores no processo de produção direto, e a taxa de lucro da economia como um todo é – apesar de todas as discrepâncias entre preços e valores e entre lucros e mais-valores – justamente o total de mais-valor por dólar de capital investido. “Nada fundamental mudou”.

No volume 2, Marx precaveu que

não se deve incorrer no modo de proceder de Proudhon, imitado da economia burguesa, e examinar a questão como se uma sociedade existindo sob um modo de produção capitalista, uma vez considerada *en bloc*, como totalidade, perdesse seu caráter histórico-econômico específico. Pelo contrário. Nesse caso, temos de lidar com o capitalista coletivo.[[11]](#footnote-11)

Esse também é o método do capítulo 9 do volume 3. Embora, no principal, esse volume lide com capitalistas em sua competição um com o outro e com os interesses conflitantes de frações diferentes da classe capitalista, o capítulo 9 *abstrai* da competição e da multiplicidade de capitais. Ele retorna ao ponto de vista do capital versus trabalho que se mostrou tão proeminentemente na discussão do volume 1 do processo de produção direto – exceto de que os agentes agora não são “o capitalista” e “o trabalhador”, mas o capitalista coletivo e o trabalhador coletivo. Marx supõe “que pertençam a uma só pessoa os cinco investimentos de I a V do exemplo anterior”. Seja no caso em que a contabilidade dessa pessoa registrou lucro onde foi na verdade extraído dos trabalhadores, ou no caso em que foi atribuído o lucro a cada investimento na proporção de seu tamanho, o “preço total das mercadorias I a V seria ... igual ao valor total delas ... Da mesma maneira, [este é o caso] na sociedade, considerada a totalidade dos ramos de produção”[[12]](#footnote-12). Seja a propriedade coletiva ou atomizada, o resultado é o mesmo.

Para Marx, então, o que deu ao capitalismo seu “caráter econômico e histórico específico” é seu modo de *produção*. Seja esse modo de produção aparecendo na *forma* de uma sociedade competitiva de proprietários atomizados ou seja na de uma sociedade coletivizada na qual o capital total “pertença a uma só pessoa”, sua *essência* não mudou. Assim, como ele mesmo enfatizou, um objetivo principal da transformação do capítulo 9, e do volume 3 como um todo, era mostrar que a competição e propriedade múltipla não alteram as leis do valor e mais-valor[[13]](#footnote-13). Eles somente alteram as formas nas quais as leis aparecem; na sociedade como um todo, elas continuam a existir exatamente como ele as desenvolveu no volume 1.

**Teoria das Crises Capitalistas de Marx**

As conclusões a que Marx chegou no capítulo 9 do volume 3 são também crucialmente importantes para sua “lei da queda tendencial da taxa de lucro” e sua teoria das crises econômicas capitalistas, que está enraizada nessa lei. Em *The Failure of Capitalist Production* e demais lugares eu tenho argumentado que a queda de décadas na taxa de lucro das corporações dos EUA era uma causa subjacente e indireta – embora, no entanto, importante – da Grande Recessão e seu prolongado resultado, e de que praticamente toda a queda em suas taxas de lucro pode ser atribuída ao fato de que o crescimento do investimento de capital ultrapassou o crescimento de empregabilidade, assim como a lei de Marx afirma.

Capítulo 9 é a peça central da parte 2 do terceiro volume. A próxima parte é devotada à lei da queda tendencial da taxa de lucro a teoria da crise associada – e por uma boa razão. Marx não poderia ter derivado a lei antes da demonstração no capítulo 9. Ele mostra que “a taxa de lucro” tende a cair por causa da mudança de tecnologia que economiza trabalho. Mas ele é capaz de mostrar isso somente porque “a taxa de lucro” em questão não é afetada por muitas das discrepâncias entre preços e valores e entre lucros e mais-valores. É a taxa de lucro do capitalista coletivo (ou a classe capitalista como um todo), e essa taxa de lucro é – como ele mostrou no capítulo 9 – nada mais que um total de mais-valor por dólar de capital investido. Em outras palavras, a lei da queda tendencial da taxa de lucro está baseada em um resultado chave do volume 1, *como reconfirmado no capítulo 9 do volume 3*: lucro não pode ser maior que o mais-valor criado pelo mais-trabalho dos trabalhadores. Como Marx observou em um manuscrito preparatório:

Vimos que [a taxa de lucro] é diferente para o capital individual [a partir] da taxa de mais-valor para com o montante total de capital adiantado. Mas, também foi mostrado que considerando o ... *capital total da classe capitalista*, a taxa de lucro média é nada mais que o mais-valor total relacionado a e calculado sobre esse capital total ... Aqui, portanto, mais uma vez pisamos em chão firme, onde, sem entrar na competição de muitos capitais, podemos derivar a lei geral diretamente da natureza geral do capital até então desenvolvido. Essa lei, e é a lei mais importante da economia política, é que a *taxa de lucro tem uma tendência a cair com o progresso da produção capitalista*.[[14]](#footnote-14)

1. MARX, Karl. *O Capital*: Crítica da Economia Política. Livro II: O Processo de Circulação do Capital. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 196. [↑](#footnote-ref-1)
2. MARX, Karl. *Carta a Ludwig Kugelmann* (em Hannover). 11 de julho de 1868. [https://www.marxists.org/portugues/marx/1868/07/11.htm] [↑](#footnote-ref-2)
3. MARX, Karl. *O Capital*: Crítica da Economia Política. Livro I: O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 156, nota 33. [↑](#footnote-ref-3)
4. MARX, Karl. *O Capital*: Crítica da Economia Política. Livro I: O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 125. [↑](#footnote-ref-4)
5. MARX, Karl. *Grundrisse*: Manuscritos Econômicos de 1857-1858: Esboços da Crítica da Economia Política. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 95. [↑](#footnote-ref-5)
6. MARX, Karl. *O Capital*: Crítica da Economia Política. Livro I: O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 162, nota 40. [↑](#footnote-ref-6)
7. MARX, Karl. *O Capital*: Crítica da Economia Política. Livro I: O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 80. [↑](#footnote-ref-7)
8. MARX, Karl. *O Capital*: Crítica da Economia Política. Livro I: O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 667. [↑](#footnote-ref-8)
9. MARX, Karl. *O Capital*: Crítica da Economia Política. Livro III: O Processo Global de Produção Capitalista, volume IV. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 41. [↑](#footnote-ref-9)
10. DYNAYEVSKAYA, Raya. *Marxism and Freedom*: From 1776 until today. Amherst: Humanity Books, 2000, p. 141. [↑](#footnote-ref-10)
11. MARX, Karl. *O Capital*: Crítica da Economia Política. Livro II: O Processo de Circulação do Capital. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 537. [↑](#footnote-ref-11)
12. MARX, Karl. *O Capital*: Crítica da Economia Política. Livro III: O Processo Global de Produção Capitalista, volume IV. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 213. [↑](#footnote-ref-12)
13. MARX, Karl. *O Capital*: Crítica da Economia Política. Livro III: O Processo Global de Produção Capitalista, volume VI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, pp. 1113-1114. [↑](#footnote-ref-13)
14. MARX, Karl. Economic Manuscript of 1861-1863. In: MARX, Karl; ENGELS, Frederic: *Collected Works*, vol. 33. New York: International Publishers, 1991, p. 104. [↑](#footnote-ref-14)